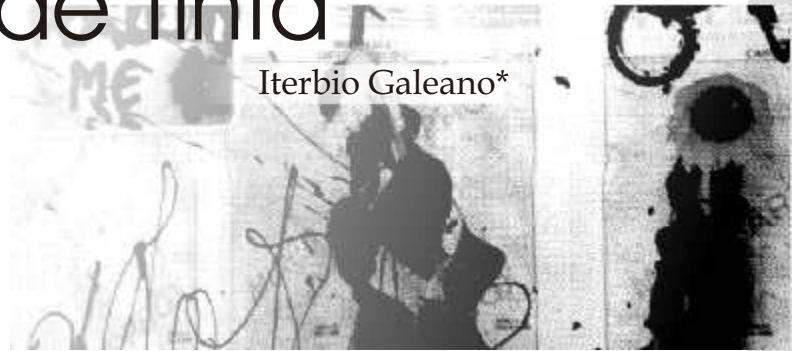


# Flores de Tinta

Iturbio Galeano\*



DIVA FORTI  
BIANCHI exige um  
penteado com ares

de crença na vida. Quer demonstrar que acredita no perdão de Giu. Talvez noutra plano as coisas se passem diferente. Pensa com seus botões: às vezes, acho por demais egoístas as flores de tinta a ocuparem-me o tempo todo. Por que a precisão dos médicos? Percebi um quê de vaidade neles enquanto me falavam sobre a doença. Já vi muita gente enfrentar a morte, vencendo-a. Não foi assim com tio Francesco? Escapou da pneumonia logo depois da extrema-unção. Deus poderia ter sido justo para comigo. Ah! se tudo não passasse de um pesadelo... Meu querido Giu voltando do hospital a brincar, de novo, provocando-me com suas baianas. Desta vez, nada de palavrões. Concordaria com ele, até mesmo comendo acarajé com pimenta malagueta, para agradá-lo...

Diva Forti Bianchi mexe com a cabeça para conferir a maquiagem. Continua em pensamentos: preciso de um retoque no canto do olho esquerdo e outro na sobrancelha direita. É importante que esconda o cansaço do olhar. As pessoas não deverão notá-lo durante as exéquias.

A cabeleireira, que se esmera no penteado, pede-lhe que tenha um pouco mais de paciência. Está quase terminando. Mas Diva só faz pensar: não posso esquecer dos retoques. Evitaria justificativas. Explicar que passei a última madrugada pintando, arrancada da cama por uma estranha excitação?

Dos seis filhos do casal, apenas Rosamaria manifestou algum interesse pelo que vinha acontecendo desde a notícia da doença do pai. Viu nela, a princípio, uma artimanha entre o pai e os médicos: a enfermidade como um bom motivo para separar-se da mãe. Com a transferência de Giu para um hospital em Salvador, Rosamaria perdeu o interesse. Os rapazes, então, em nada se ligavam. Sempre voltados para as viagens e as reuniões sociais. Rosamaria, pelo menos, sonha em conseguir um bom casamento e tornar-se dona de casa. Por todas essas coisas, Giubalista entregou a administração da ForBi a um conselho de acionistas majoritários. Jamais acreditou na família como empenhada nos negócios. A mulher só querendo saber dos quadros e os filhos, uns tontos. Não soubemos adubá-los, repetia essas palavras quando se aborrecia com os conselheiros.

Diva nada mais fez a não ser falar sobre a doença de Giu. Não se silencia diante de um mal do coração, convenceu-se após inúmeras conversas com os médicos. Ao marido ia transmitindo com minúcias o que ouvia. Ele ria, zombando. Alegrava-se em morrer do coração. Tinham sido tantas as paixões... Nesses momentos, recordava o domingo em que conheceu Diva, num encontro de famílias. Ambos jovens. Ela, recentemente chegada ao Brasil, vinda de Milão, acompanhando os avós maternos.

Giu nasceu no Rio de Janeiro. Seus pais, em viagem de turismo, gostaram da cidade. Decidiram retornar, nela fixando residência. Adquiriram um amplo terreno na zona oeste, dando início a uma indústria de fundo de quintal. Juntaram galinhas, patos e porcos. De seus excrementos, misturados à terra preta, surgiu a gradual economia para transformar o pequeno negócio numa grande indústria - a Bianchi Fértil. A união com Diva selou uma sociedade com o avô dela, que também lidava com fertilizantes. Daí a ForBi. Por isso era comum, nas brigas do casal, Diva gritar: meu casamento nasceu da merda.

Diva Forti Bianchi veste, agora, a sua melhor roupa de seda. Prepara-se para as despedidas. Não mais brigará com o marido. Será conhecida como a viúva do ex-presidente da maior fábrica de adubos do país.

O corpo está sendo trazido de avião de Salvador. Giu encontrava-se internado há três meses. Sentira com a doença um forte desejo de beber diariamente cocos autênticos, nativos. A mulher e os filhos tentaram de todos os modos convencê-lo a ficar no Rio, evitando maiores gastos. De nada adiantou. Giu era fascinado por Salvador. Em todas as suas conversas dava um jeito de incluir uma pequena referência que fosse à cidade. Ora discorria sobre o Pelourinho, de sua miséria anterior e das recentes reformas, dele afastando os pobres; ora se detinha sobre a Baixa do Sapateiro, em cujas ladeiras andou procurando, por pilhéria, a morena mais formosa da Bahia. Contava rindo que nunca a encontrara. Abandonar a busca, jamais. Talvez um dia a achasse. Então, seria a glória, o prazer dos prazeres. Mulher nenhuma suplantava a baiana, Giu dizia diante de Diva, cuja reação era explodir em ciúme, gritando palavrões em qualquer lugar. Acabava tudo, porém, em riso geral, quando ele insistia nas recomendações aos homens que fodessem com as baianas antes e depois de fazê-las comer bastante acarajé com pimenta malagueta. O picante estava na sensação de experimentarem as diferenças do antes e do depois.

As pessoas mais íntimas do casal Bianchi aguardam o desembarque do corpo. Chove, não muito, mas o nevoeiro que baixou sobre o Rio fez com que o avião permanecesse em Salvador, aguardando teto. A chegada, prevista para as nove, está com duas horas de atraso. Diva não virá. Diligencia os preparativos para o funeral. É importante cuidar da imagem dos Bianchi. Estará ativa, juntamente com os filhos,

bem ao gosto de Giu. Tomava providências desde a remoção do marido para a Bahia. Encostou as telas, os pincéis e as tintas. Entregou-se de corpo e alma aos aprestos do futuro cerimonial. Que ficassem, pois, de lado, as flores de tinta! As palavras dos médicos ainda ressoando-lhe nos ouvidos. Tão convictos eles lhe falaram!



Uma pungente saudade fez com que, um dia antes do ataque da estranha excitação, Diva chorasse todas as lágrimas. Exausta, deu um basta ao pranto. Foi para a rua decidida. Entrou numa livraria e comprou um livro de culinária. Abriu-o ali mesmo e, escolhida a receita, saiu a adquirir os ingredientes. Quase num ato de missão, voltou para casa. Juntou numa panela duas cavaquinhas, uma porção de mexilhão, 250 gramas de peixe dourado, 300 gramas de tomate sem pele e sem sementes, 150 gramas de manteiga, água, óleo, um alho socado, uma cebola ralada, um galho de coentro, duas colheres de azeite de dendê, bastante pimenta malagueta, dois copos de leite de coco e pôs a cozinhar em fogo brando. Fez, à parte, arroz branco, salpicando pimenta do reino misturada com molho inglês, a gosto. Preparou depois um pirão com o caldo da moqueca. Sentou-se à mesa sozinha para o jantar. Ninguém em casa. Abriu uma garrafa de vinho tinto português Periquita. E, vagarosamente, comeu e bebeu com fartura, brindando e repetindo o nome de Giu várias vezes.

Quase a dormir, uma onda de calor invadiu-a. Em desvario, sentiu-se incendiada, cabelos revoltos, seios plenos e rijos, coxas latejantes, ventre em movimentos sôfregos, corpo sacudido por carícias violentas, a voz ofegante do marido... A água fria do chuveiro misturou-se ao seu suor brilhante e perfumado, evaporando-se e inundando a casa. Diva foi arrastada para o atelier por mãos invisíveis. Jogada ao chão, retirou a tampa das bisnagas de tinta. Espalhados nas mãos os diversos matizes, começou a pintar febrilmente. Flores diferentes das que criava. Nenhum traço sequer parecido com outro. Só pela manhã tomou consciência de si, com o toque insistente do telefone. Correu para atendê-lo. O coração batia-lhe na boca. Pensou na morte. Estranha aquela força que a impelira a pintar com desatino; sinistra a idéia de uma visita. Foi só o tempo de pôr o fone no ouvido e gritar em desespero.

O avião vem aterrissando. Parou de chover. O dia clareou. Mais pessoas chegaram para o desembarque. Diva e os filhos aguardam no pavilhão de festas da empresa. Desceram os últimos passageiros. O carro funerário recebe o ataúde preto, dirige-se para a saída lateral do aeroporto e ganha a rua. Outros automóveis, todos luxuosos, o acompanham. À frente do cortejo, um Mercedes Benz negro serve de batedor, ostentando as bandeiras da ForBi e do Brasil.

Assim que os portões se abrem para a chegada da comitiva, uma banda põe-se a tocar o Hino Nacional. Seis homens de cabelos brancos e ternos escuros conduzem o ataúde por sobre um tapete vermelho

estendido desde o pórtico ao local reservado para a exposição do corpo. Diva e os seis filhos, rígidos e inexpressivos, aguardam o momento em que o representante do conselho de acionistas proferirá o discurso de abertura do cerimonial.

Nas paredes e no teto do pavilhão está exposta mais de uma centena de quadros, em molduras de luxo. Nenhuma flor viva presente, nem sobre o corpo de Giu. Diva escolheu preite-lo com o multicolorido de sua arte. Nada melhor do que ela para externar o meu amor por você, Giu.  a única coisa que sei fazer bem, querido safado, diz próxima  urna.

 hora da separação. Diva não irá ao sepultamento. Quer guardar Giu na memória como ainda está  sua frente. Parece ter visto um sorriso maroto em seu rosto. Possível que tivesse morrido pensando nas baianas acaloradas. Quem sabe a última maneira de provoc-la? Mas tudo isso pertence ao passado. Menos a moqueca de cavaquinhas...

Antes que os homens ponham a tampa no caixão, Diva faz o sinal da cruz com a ponta dos dedos sobre a testa de Giu e recomenda que ele v com Deus.

Vendo o fretro dobrar a esquina, Diva ordena que os empregados desam os quadros do teto e das paredes. Com uma fora incrível, arranca de dentro deles todas as flores de tinta, brotadas como num canteiro, sobre as telas. Em seguida, voa para adiante do cortejo e põe-se a atapetar o caminho com as sempre-vivas, perfumadas pelo seu suor, nascidas na madrugada da visitação.

Os filhos não a seguiram... Rígidos... Inexpressivos...

\*Iterbio Galeano - escritor, psicanalista, professor de Literatura Brasileira pela UFF e jornalista.